

PERCEPÇÕES DIALETAIS DA VARIAÇÃO: A IDENTIFICAÇÃO DA ORIGEM DO FALANTE A PARTIR DO USO DO /S/ EM CODA NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

DIALECT PERCEPTIONS OF VARIATION: SPEAKER ORIGIN IDENTIFICATION THROUGH CODA /S/ IN BRAZILIAN PORTUGUESE*

Pedro Felipe de Lima Henrique¹

RESUMO: Este artigo investiga a forma como falantes de seis capitais brasileiras (Natal, João Pessoa, Recife, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre) atribuem procedência geográfica a locutores com base na escuta de enunciados contendo diferentes realizações da fricativa /S/ em coda silábica. O estudo insere-se no campo da dialetologia perceptual, que busca compreender como os falantes não especialistas percebem, categorizam e avaliam a variação linguística regional. A pesquisa partiu da hipótese de que variantes fonéticas específicas – notadamente a palatoalveolar e a alveolar – funcionariam como índices sociais, associados a determinadas regiões do Brasil. O experimento utilizou a técnica dos estímulos pareados, com controle rigoroso de variáveis fonéticas, e contou com a participação de 240 ouvintes, equilibrados por cidade, sexo e faixa etária. Os resultados indicam que as fricativas palatoalveolares tendem a ser associadas ao Rio de Janeiro e a Recife, especialmente por ouvintes do Sudeste e do Nordeste, respectivamente, enquanto a variante alveolar é mais frequentemente relacionada a São Paulo e Porto Alegre, sobretudo por ouvintes dessas próprias localidades. Esses padrões de reconhecimento reforçam o princípio da “proximidade perceptual”, segundo o qual falantes identificam com maior precisão os traços linguísticos de variedades regionalmente próximas ou culturalmente salientes. A análise dos dados sugere que a percepção interdialeto é sistemática e influenciada por fatores fonológicos, geográficos e sociais, oferecendo importantes implicações para os estudos sobre variação, identidade e estereotipia linguística no português brasileiro.

PALAVRAS-CHAVE: Percepção dialetal. /S/ em coda. Variação sociolinguística. Dialetologia perceptual. Índices regionais. Português brasileiro.

ABSTRACT: This article investigates how speakers from six Brazilian capitals (Natal, João Pessoa, Recife, Rio de Janeiro, São Paulo, and Porto Alegre) assign geographic origin to speakers based on listening to utterances containing different realizations of the fricative /S/ in syllable coda position. The study is situated within the field of perceptual dialectology, which seeks to understand how non-specialist speakers perceive, categorize, and evaluate regional linguistic variation. The research was based on the hypothesis that specific phonetic variants – notably the palato-alveolar and alveolar – function as social indexes associated with particular Brazilian regions. The experiment employed the paired-stimuli technique, with strict control of phonetic variables, and involved 240 listeners balanced by city, gender, and age group. The results show that palato-alveolar fricatives tend to be associated with Rio de Janeiro and Recife, especially by listeners from the Southeast and Northeast, respectively, while the alveolar variant is more frequently linked to São Paulo and Porto Alegre, particularly by listeners from those same regions. These recognition patterns reinforce the principle of "perceptual proximity," which states that speakers identify linguistic traits of regionally close or culturally salient varieties with greater accuracy. Data analysis suggests that interdialeto perception is systematic and influenced by phonological, geographical, and social factors, offering important implications for studies on variation, identity, and linguistic stereotyping in Brazilian Portuguese.

KEYWORDS: Dialect perception. Coda /S/. Sociolinguistic variation. Perceptual dialectology. Regional indexes. Brazilian Portuguese.

1 Introdução

* Data de Submissão: 02.07.2025 - Data de Aceite: 09.01.2026 | DOI: 10.22478/ufpb.1983-9979.2025v20n2.74612

¹ Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte – Contato: pedrofelipec@hotmial.com | Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8819-3588>

A fricativa /S/ em posição de coda silábica no português brasileiro apresenta ampla variação fonética e geográfica, com destaque para as realizações alveolares e palatoalveolares, majoritariamente documentadas em estudos fonético-fonológicos, sociolinguísticos e dialetológicos (Callou; Moraes; Leite, 2002; Scherre; Macedo, 2000; Hora, 2003; Brescancini, 2003; Macedo, 2004; Pedrosa, 2009; Jesus; Mota, 2009a, 2009b; Bassi; Seara, 2017; Cardoso et al., 2014; Cunha; Silva, 2019). Enquanto regiões como São Paulo, Porto Alegre, Belo Horizonte e Goiânia tendem a privilegiar as variantes alveolares, cidades como Florianópolis, Rio de Janeiro, Recife e Belém favorecem as formas palatoalveolares (Jesus; Mota, 2009a, 2009b; Cardoso et al., 2014). Algumas comunidades, como Natal e João Pessoa, exibem uso sistemático de ambas as variantes, especialmente condicionado por contextos fonológicos específicos – notadamente antes de consoantes coronais, como /t/, /d/ e, em menor grau, /n/ – fenômeno já descrito em dados de produção para essas cidades (Hora, 2003; Hora; Pedrosa, 2009; Cunha; Silva, 2019; Henrique; Amorim; Hora, 2022). A partir dessa diversidade de padrões de uso e de distribuição regional do /S/ em coda, torna-se pertinente perguntar em que medida tais variantes são percebidas e reconhecidas pelos próprios falantes como traços distintivos entre comunidades, perspectiva que encontra respaldo no campo da dialetologia perceptual.

É nesse escopo que a dialetologia perceptual se insere como uma ferramenta para investigar como os falantes representam cognitivamente a variação linguística e atribuem valor social aos diferentes falares regionais. Fundada por Preston a partir da década de 1980, essa abordagem tem como foco principal a forma como indivíduos não especialistas percebem, avaliam e categorizam os modos de falar associados a diferentes localidades geográficas. Utilizando metodologias que incluem mapas desenhados à mão, tarefas de identificação, escalas de julgamento e medidas de associação afetiva, os estudos dessa tradição têm evidenciado que a percepção interdialetoal não é aleatória, mas sistemática, refletindo tanto a proficiência auditiva dos falantes quanto os estereótipos linguísticos internalizados. Um dos achados centrais desses estudos é a tendência dos indivíduos a reconhecer com maior precisão os falares de regiões geograficamente próximas ou culturalmente proeminentes (Preston, 1989; Montgomery, 2012). Esse princípio da "proximidade perceptual" encontra suporte em investigações realizadas em contextos diversos como os Estados Unidos, Reino Unido, Japão e Brasil, demonstrando sua robustez empírica e relevância teórica para a compreensão das fronteiras dialetais percebidas.

Com base nesses pressupostos, o presente artigo investiga como falantes de seis capitais brasileiras — Natal, João Pessoa, Recife, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre — atribuem procedência geográfica a locutores com base na escuta de enunciados contendo diferentes realizações do /S/ em coda silábica. A pesquisa parte da hipótese de que a variante palatoalveolar pode funcionar como índice de determinadas localidades — como Recife e Rio de Janeiro — enquanto a variante alveolar estaria associada a outras regiões, como São Paulo e Porto Alegre. Para testar essa hipótese, foi elaborado um experimento de percepção sociolinguística baseado na técnica dos estímulos pareados. Um mesmo enunciado foi gravado com as duas variantes, por falantes naturais das cidades em foco, e os estímulos foram submetidos a julgamento por ouvintes das respectivas comunidades. Cada participante deveria indicar, para cada estímulo, a cidade de origem presumida do falante.

Este artigo organiza-se da seguinte forma: a seção seguinte apresenta uma revisão crítica da literatura sobre a variação do /S/ em coda no PB e os fundamentos da dialetologia perceptual. A terceira seção descreve a metodologia empregada, com atenção ao delineamento experimental, critérios de seleção dos participantes, organização dos estímulos e técnicas estatísticas utilizadas. Na quarta seção, são apresentados e discutidos os resultados da tarefa de identificação da cidade de origem, à luz das hipóteses formuladas. Por fim, as considerações

finais retomam os principais achados, discutem suas implicações teóricas e propõem caminhos para investigações futuras em percepção sociolinguística.

2 Percepção dialetal e a dialetologia perceptual

A percepção dialetal, entendida aqui como a capacidade que falantes de uma língua têm de reconhecer e avaliar diferenças entre modos de falar geograficamente situados, tem sido objeto de crescente atenção dentro da linguística, especialmente no âmbito da dialetologia perceptual. Esta subárea, consolidada a partir da década de 1980 com os trabalhos de Preston (1986, 1989, 1996, 1999, 2002), propõe investigar como falantes não especialistas percebem a variação linguística, atribuem-lhe valor social e estabelecem fronteiras dialetais a partir de experiências auditivas e cognitivas próprias. O interesse desse campo recai menos sobre a descrição da variação em si — como é comum na dialetologia tradicional — e mais sobre como ela é cognitivamente representada, julgada e categorizada por membros de comunidades linguísticas.

Os primeiros estudos em dialetologia perceptual utilizaram metodologias como a confecção de mapas desenhados à mão, nos quais os participantes indicavam regiões de maior ou menor "sotaque", ou identificavam os falares que consideravam mais "bonitos", "claros" ou "corretos". Tais abordagens, embora qualitativas, evidenciaram que os julgamentos sobre os modos de falar não são aleatórios, mas orientados por crenças sociais, estereótipos linguísticos e experiências de contato intervareial (Preston, 1989, 1999). Posteriormente, os estudos passaram a incorporar técnicas experimentais mais sistemáticas, como tarefas de identificação e julgamento de estímulos gravados, permitindo análises estatísticas mais robustas (Montgomery, 2012).

Um dos achados frequentemente relatados na literatura sobre percepção dialetal é o chamado princípio da "proximidade perceptual", segundo o qual falantes tendem a identificar com maior precisão variedades regionais que lhes são geograficamente próximas ou socialmente familiares. Esse padrão foi amplamente documentado nos estudos pioneiros e posteriores realizados nos Estados Unidos, Reino Unido, Japão e Brasil, fundamentando-se em técnicas como mapas desenhados à mão, escalas de julgamento de diferença e análise de categorias dialetais.

Nos Estados Unidos, o trabalho de Preston (1996) destacou a percepção de falantes do sudeste de Michigan sobre os sotaques dos 50 estados americanos. Os participantes classificaram, numa escala de quatro pontos, o grau de diferença percebido entre o seu próprio sotaque e o dos demais estados. Os resultados mostraram que áreas geograficamente próximas eram consideradas similares, enquanto regiões mais distantes, especialmente o sul dos EUA (como Alabama, Mississippi e Louisiana), foram avaliadas como "ininteligivelmente diferentes". Essa discrepância ilustra o papel da proximidade geográfica e da saliência sociocultural na percepção dialetal.

De forma complementar, a técnica dos mapas desenhados à mão também foi empregada por Preston (1986) em diversas regiões dos EUA. Participantes de Michigan, por exemplo, foram convidados a demarcar áreas com modos de falar distintos. As fronteiras dialetais desenhadas refletiam uma percepção mais refinada sobre regiões próximas à de residência dos respondentes, enquanto áreas mais distantes tendiam a ser percebidas como linguisticamente homogêneas. Essa assimetria perceptiva reforça a ideia de que o contato mais frequente com determinadas variedades favorece sua identificação.

No Reino Unido, Montgomery (2012) utilizou técnicas similares com jovens do norte da Inglaterra. Os participantes desenharam fronteiras entre os falares do norte e do sul do país e demarcaram regiões reconhecidas por seus sotaques. Observou-se que os falantes tendiam a

reconhecer com mais precisão as variedades próximas à sua localidade. Em Carlisle e Brampton, por exemplo, mais de um terço dos participantes identificou corretamente a região de Cumbria. Além disso, os informantes do sul marcavam a linha norte-sul mais ao sul, possivelmente para manter uma identidade associada ao "Norte". A proximidade geográfica mostrou-se, mais uma vez, um fator relevante na acuidade das demarcações dialetais.

Na fronteira entre Escócia e Inglaterra, Montgomery (2012) comparou as percepções de falantes de ambos os lados. Os escoceses apresentaram maior precisão na identificação de variedades locais (como "weeji" e "gaelic"), enquanto os ingleses usaram rótulos mais generalistas, como "scottish". A convergência nas respostas foi maior no que tange às variedades inglesas, indicando que fatores como identidade regional e proeminência cultural influenciam a percepção interdialeto. A análise dos mapas de calor elaborados a partir dessas respostas confirmou que regiões próximas à localidade do respondente eram representadas com maior densidade e especificidade.

Por fim, no Brasil, um estudo de Oliveira do Canto (1982 *apud* Preston, 1985) com falantes de Santa Maria, no Rio Grande do Sul, revelou padrão semelhante. Os informantes classificaram os dialetos vizinhos como "não diferentes" ou "um pouco diferentes", enquanto atribuíam graus mais altos de diferença a variedades mais distantes ou culturalmente distintas, como as de áreas com forte influência italiana, alemã ou de fronteira. Esses resultados sugerem que a percepção da variação dialetal é sensível à distância geográfica, mas também modulada por fatores culturais e identitários.

Esses estudos, embora realizados em contextos culturais distintos, convergem na constatação de que a percepção dialetal não é aleatória. Ao contrário, ela parece ser sistematicamente influenciada por fatores como proximidade geográfica, familiaridade sociocultural e saliência estereotípica das variedades, corroborando o princípio da proximidade perceptual e oferecendo um sólido suporte empírico para sua aplicação em análises de percepção sociolinguística em diferentes línguas e comunidades.

Outro elemento amplamente explorado na dialetologia perceptual é o papel da estereotipia linguística, segundo a qual certos traços fonéticos — como entoações, timbres vocálicos ou realizações de consoantes — adquirem, em determinadas comunidades, carga simbólica considerável e passam a ser socialmente indexados a determinados grupos ou regiões. No português brasileiro, por exemplo, a variante palatoalveolar do /S/ em coda tem sido associada a falares do Rio de Janeiro e de parte do Nordeste, como Recife, sendo frequentemente reforçada por representações midiáticas (Callou; Moraes; Leite, 2002; Cunha; Silva, 2019; Hora, 2003).

Esses achados oferecem subsídios teóricos relevantes para compreender os dados deste estudo. A hipótese de que a percepção dialetal é mediada por fatores como proximidade geográfica, frequência de exposição e estereótipos sociolinguísticos permite interpretar os padrões de associação entre variantes fonéticas e cidades de origem observados entre os participantes do experimento. Além disso, estudos anteriores sugerem que traços fonéticos percebidos como mais marcados ou estereotipados tendem a ser mais facilmente reconhecidos e associados a localidades específicas (Eckert, 2008; Johnstone; Kiesling, 2008).

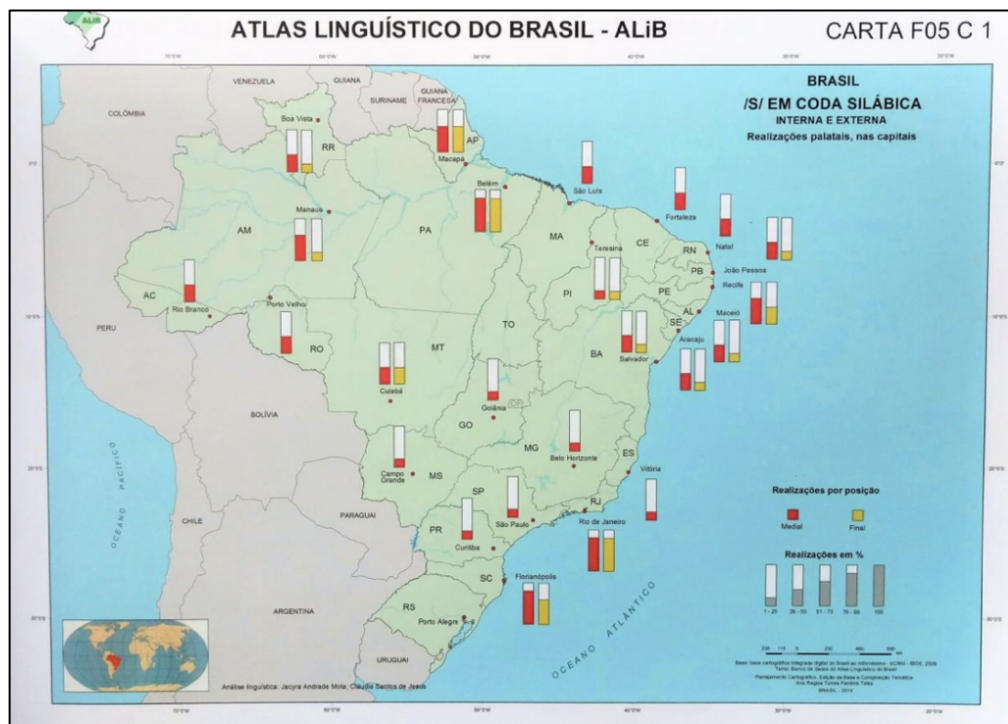
A partir desse quadro teórico, torna-se plausível supor que a variante palatoalveolar do /S/ possa operar como um índice regional mais saliente, enquanto as variantes alveolares, mais amplamente distribuídas, tenderiam a ser percebidas como menos distintas. Ademais, há indícios de que ouvintes são mais propensos a reconhecer falares semelhantes aos de sua própria comunidade com maior confiança ou precisão, em virtude da familiaridade fonética e do repertório sociolinguístico compartilhado (Williams; Garrett; Coupland, 1999; PReston, 2002; Montgomery, 2012).

Com base nesses pressupostos, a análise dos dados apresentados nas seções seguintes busca explorar em que medida as variantes fonéticas do /S/ em coda funcionam como marcadores perceptivos de procedência regional, e como a origem geográfica dos ouvintes influencia seus julgamentos.

3 Estudos sobre o /S/ em coda no português brasileiro

No PB, segundo Callou, Moraes e Leite (2002), Hora (2003) e Pedrosa (2009), a partir de dados de variação em diversas comunidades de fala do Brasil, o /S/ em coda apresenta como variantes a forma alveolar – [s, z] –, a palatal (ou palatoalveolar) – [ʃ, ʒ] –, a aspirada – [h, h̥] –, e o zero fonético – Ø. Segundo esses autores, a pronúncia mais frequente na maior parte dos dialetos brasileiros, de forma geral, é a alveolar. Em alguns dialetos, no entanto, a forma palatalizada parece ser mais produzida por seus falantes. Dados coletados pelo Projeto Atlas Linguístico do Brasil (Cardoso et al., 2014) apresentam a distribuição da variante palatalizada entre as capitais brasileiras considerando a posição da coda (**Figura 1**). Capitais como Florianópolis, Rio de Janeiro, Recife, Belém e Macapá apresentam essa configuração dialetal.

Figura 1 - Mapa das realizações palatoalveolares do /S/ em coda silábica interna e externa em cada uma das capitais do Brasil



Fonte: Cardoso et al. (2014, p. 111).

Observando a **Figura 1**, observam-se as altas taxas de ocorrência das variantes palatoalveolares em cidades como Rio de Janeiro e Recife, assim como a baixa produtividade dessas variantes em cidades como São Paulo e Porto Alegre. Também é possível observar dados mais dispersos em cidades como João Pessoa e Natal. Esta seção discutirá os resultados de pesquisas relacionadas ao comportamento dessa variável nos dialetos dessas capitais de modo a oferecer um parâmetro comparativo para os resultados a serem discutidos a partir dos dados de percepção levantados por esta pesquisa.

Nas cidades de Porto Alegre e São Paulo, os dados de estudo sociolinguísticos corroboram uma realização majoritariamente alveolar. Trabalhos como Callou e Moraes (1996) e Callou, Moraes e Leite (2002), baseados em registros do NURC, mostram percentuais de uso da variante alveolar próximos de 90% em São Paulo e 86% em Porto Alegre, tanto em codas mediais quanto finais. Esses dados não apresentam variação significativa por sexo ou faixa etária, o que sugere um padrão estável e categórico de uso, no qual a variante palatal, quando ocorre, aparece como traço estilístico ou mimético, sem inserção sistemática no vernáculo local.

No Rio de Janeiro, a situação é inversa. A presença da variante palatoalveolar é dominante e altamente produtiva em contextos diversos. Desde os estudos de Callou e Marques (1975), passando por Reis (1992), Callou e Moraes (1996), Scherre e Macedo (2000), até os trabalhos mais recentes de Bassi (2011, 2016) e Melo (2012), verifica-se a alta frequência de palatalização do /S/ em coda. Percentuais de uso da forma palatoalveolar oscilam entre 62% e 98%, a depender do corpus, da metodologia e da delimitação dos contextos. Entre os fatores condicionantes, destacam-se a posição da fricativa na palavra (com maior palatalização em codas mediais), o contexto fonológico seguinte (com consoantes vozeadas e coronais favorecendo a palatalização), e variáveis sociais como sexo, escolaridade e estilo de fala. Ainda que existam divergências pontuais sobre o perfil sociológico da palatalização, há consenso quanto à sua ampla produtividade e indexicalidade no falar carioca.

Recife também apresenta altos índices de palatalização, embora com maior heterogeneidade que o Rio de Janeiro. Segundo Callou, Moraes e Leite (2002) e Macedo (2004), o uso da variante palatal é favorecido por contextos fonológicos semelhantes (especialmente codas mediais seguidas de coronais), mas há maior variação entre falantes e estilos, sugerindo uma possível mudança em progresso. A forma palatoalveolar é frequente entre mulheres e entre os mais jovens, e, embora a variante alveolar ainda seja encontrada em certos grupos, observa-se um padrão de expansão e consolidação do traço em diversos contextos fonológicos e sociais.

Nas cidades de João Pessoa e Natal, o quadro revela uma situação de coexistência regulada entre as variantes. Em João Pessoa, os estudos de Hora (2003), Ribeiro (2006) e Henrique, Amorim e Hora (2022) demonstram que a palatalização é fortemente condicionada por fatores fonológicos, sobretudo pelo contexto seguinte. Em codas mediais seguidas de coronais, especialmente /t/ e /d/, a realização palatoalveolar é preferida. Já em contextos de coda final ou seguidos por pausa, a variante alveolar e o apagamento se tornam mais frequentes. A variação parece refletir uma estruturação fonológica estável, não sendo interpretada como mudança em curso, mas como traço sistemático do sistema fonológico local.

Em Natal, os dados revelam padrão semelhante, como evidenciado por Pessoa (1986) e Cunha e Silva (2019). A variante palatoalveolar é empregada em contextos específicos, como codas mediais seguidas por /t/, /d/ e, mais recentemente, /n/, enquanto a variante alveolar se mantém forte em contextos menos propícios à palatalização. A coexistência das variantes, condicionada por elementos fonológicos e reforçada por fatores sociais (idade, escolaridade), aponta para um sistema relativamente estável, mas permeável a mudanças estilísticas e sociolinguísticas.

Assim, os dados de produção analisados neste estudo, baseados em entrevistas de diferentes corpora, demonstram a presença de configurações dialetais bem demarcadas no uso do /S/ em coda silábica no PB. Tais configurações, por sua vez, constituem o pano de fundo sobre o qual incidem certos julgamentos. Nos últimos anos, diferentes estudos têm se dedicado a investigar como essas variantes do /S/ em coda silábica são percebidas e avaliadas socialmente por falantes brasileiros. Este estudo insere-se nesse conjunto.

4 Metodologia

Este estudo investigou a percepção interdialetoal da variável sociolinguística /S/ em coda silábica por falantes de seis capitais brasileiras — Natal, João Pessoa, Recife, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre — por meio de um experimento de identificação de origem regional. O design experimental para o teste de percepções sociolinguísticas foi baseado na técnica dos estímulos pareados (Lambert et al., 1960; Campbell-Kibler, 2006, 2010; Canever, 2018; Oushiro, 2015, 2019; Mendes, 2016; Soriano, 2016), a partir da qual são apresentados a grupos de avaliadores estímulos praticamente idênticos, diferenciando-se apenas com relação à materialidade fonética do segmento alvo. A ideia é observar de que maneira a avaliação sobre o falante muda no grupo avaliador em cada par de estímulos alterados, ou seja, se o que ora era avaliado de uma forma passa a ser avaliado de outra apenas pela diferença no detalhe fonético que diferencia o par. Para isso, os ouvintes de cada uma das comunidades de fala foram divididos em dois grupos, aos quais eram apresentadas as mesmas frases pronunciadas pelas mesmas pessoas: um grupo ouvia o falante pronunciar o /S/ em coda na forma alveolar e o outro, na forma palatoalveolar.

Os estímulos foram construídos a partir de frases produzidas por 8 locutores (4 homens e 4 mulheres), recrutados entre falantes nativos das cidades-alvo. Cada locutor gravou os mesmos enunciados em duas versões: uma com o /S/ em coda realizado de forma alveolar e outra com palatoalveolar. Foram controlados, mas a montagem dos estímulos, o contexto fonético seguinte (/k/, /t/, /d/ e /n/), o vozeamento da fricativa (vozeada ou desvozeada), e o tipo de coda (se medial ou final).

Dessa forma, foram elaboradas 8 frases-alvo, gravadas pelos informantes com ambas as duas variantes (alveolar e palatoalveolar), e 8 frases distratoras (que também foram gravadas com pronúncias diferentes), totalizando 16 estímulos auditivos preparados para cada grupo de ouvintes (sendo 32, ao final, quando somados os estímulos apresentados aos dois grupos). A versão do experimento para cada um dos grupos (A e B) continha uma versão (alveolar ou palatal) de cada frase, com a variante alternada entre blocos.

Devido às restrições impostas pela pandemia de Covid-19, o uso de laboratórios especializados para gravações fonéticas foi inviabilizado, o que levou diversos pesquisadores da área de fonética e percepção a adaptarem seus procedimentos metodológicos. No caso deste estudo, adotou-se um protocolo inspirado nas práticas emergenciais descritas por Freeman e Decker (2021), amplamente utilizado no Laboratório de Sociofonética da Universidade de York.

Quadro 1 - Frases estímulo para o primeiro experimento considerando o contexto seguinte, vozeamento e tipo de coda

Rótulo do estímulo	Pronúncia ²	Frase	Cont. seguinte	Vozeamento da fricativa	Tipo de coda	
E1	Alveolar	A <u>ca</u> ca da fruta seria uma boa <u>i</u> ca.	[k]	Desvozeado	Medial	
E2	Palatal					
E3	Alveolar	Fiquei assu <u>s</u> tado quando vi que já era ago <u>s</u> to.	[t]	Vozeado		
E4	Palatal					
E5	Alveolar	De <u>s</u> denhou dele quando viu a roupa de <u>s</u> dobrada.	[d]			
E6	Palatal					
E7	Alveolar	Viram um a <u>s</u> no no caminho e um ci <u>s</u> ne no rio.	[n]			
E8	Palatal					
E9	Alveolar	Sempre tra <u>z</u> com ele um lá <u>p</u> is colorido.	[k]	Desvozeado	Final	
E10	Palatal					
E11	Alveolar	Fa <u>z</u> tempo que ele procura mai <u>s</u> trabalho.	[t]			
E12	Palatal					
E13	Alveolar	Atrav <u>e</u> s do vidro do teto eu vi a lu <u>z</u> da lua.	[d]			Vozeado
E14	Palatal					
E15	Alveolar	P <u>ô</u> s na sala tanta coisa que não cabe mai <u>s</u> nada.	[n]			
E16	Palatal					

Fonte: Elaboração própria, 2022.

O processo de coleta de dados de fala ocorreu remotamente, com a mediação direta do pesquisador. Por meio de chamada telefônica, os participantes eram orientados sobre a frase que deveriam gravar, bem como sobre os padrões fonéticos esperados para a produção do segmento-alvo. A orientação incluía simulações do pesquisador e sugestões de contextos enunciativos, com o objetivo de assegurar uma produção mais natural. Após essas instruções, os participantes utilizavam o aplicativo "Sound Voice Recorder", previamente configurado para gravar em formato WAV com taxa de amostragem de 44.1kHz. Para otimizar a qualidade acústica da gravação, os informantes eram orientados a posicionar-se no interior de um guarda-roupa com as portas abertas, de modo que as roupas atenuassem ruídos indesejáveis e minimizassem reflexões acústicas. O celular era mantido a aproximadamente um palmo da boca, na altura da linha labial, e cada frase era produzida seis vezes com cada uma das variantes de /S/ previstas no experimento.

Após o envio dos arquivos de áudio por e-mail, o pesquisador procedia à etiquetagem e à seleção das execuções. Optou-se, sistematicamente, pelas repetições intermediárias, de modo a evitar os efeitos entoacionais mais frequentes no início ou no final da leitura controlada. As gravações escolhidas foram submetidas à normalização de volume por meio do software SoundForge, utilizando a ferramenta "normalize".

Em um primeiro momento, foi considerada a possibilidade de gerar os pares contrastivos dos estímulos manipulando diretamente os segmentos fricativos. A estratégia previa a substituição do trecho correspondente à fricativa alveolar por sua contraparte palatoalveolar (ou vice-versa) por meio de edição pontual no Praat, utilizando as funções "cut" e "paste". Contudo, durante a fase de testes, verificou-se que essa manipulação resultava em artefatos acústicos perceptíveis — ruídos residuais e descontinuidades na transição entre segmentos —

² Para facilitar o estabelecimento de contraste nas análises, convencionou-se tratar as produções palatoalveolares como palatais.

comprometendo a naturalidade do material. Diante disso, optou-se por utilizar gravações naturais diferentes para cada variante, produzidas intencionalmente pelos mesmos falantes, garantindo assim que cada par de estímulos preservasse um mesmo contorno entoacional e diferenças mínimas de duração no segmento fricativo.

Participaram 240 ouvintes, com 40 participantes de cada cidade-alvo, equilibrados quanto a sexo/gênero (20 homens e 20 mulheres por cidade), com idades entre 18 e 35 anos e escolaridade mínima de ensino médio completo. Todos relataram ser nativos da cidade indicada e não apresentaram histórico de deficiência auditiva.

O experimento foi aplicado em ambiente online, com apresentação controlada dos estímulos por meio da plataforma Qualtrics. Cada participante escutou 16 estímulos (8 críticos + 8 distratores), em ordem aleatória. Antes da tarefa de categorização da origem geográfica, os participantes eram convidados a realizar um julgamento sociolinguístico do falante, avaliando-o em nove dimensões: “amigável”, “acolhedor”, “educado”, “escolarizado”, “convencido”, “inteligente”, “confiável”, “gay” e “sotaque”³. Logo abaixo, o participante se deparava com a pergunta “De onde você acha que essa pessoa é?”, com sete opções de resposta: as seis capitais e “Outra cidade”. As respostas eram de escolha múltipla (o ouvinte podia marcar mais de uma cidade), refletindo o objetivo de capturar percepções ambíguas e associações múltiplas (ver figura 2).

Figura 2 - Visualização da página do primeiro bloco de testes

The figure shows two views of the experiment interface. The desktop view (left) features the University of York logo at the top left. Below it is an audio player with the text "Escute o áudio abaixo:" and a play button. The main section is titled "Como a pessoa do áudio soa para você?" and contains nine rows of adjectives with Likert scales (five circles each):

- Muito amigável ○ ○ ○ ○ ○ Nada amigável
- Muito acolhedor ○ ○ ○ ○ ○ Nada acolhedor
- Muito educado(a) ○ ○ ○ ○ ○ Nada educado(a)
- Muito escolarizado(a) ○ ○ ○ ○ ○ Nada escolarizado(a)
- Muito engraçado(a) ○ ○ ○ ○ ○ Nada engraçado(a)
- Muito inteligente ○ ○ ○ ○ ○ Nada inteligente
- Muito confiável ○ ○ ○ ○ ○ Nada confiável
- Muito convencido(a) ○ ○ ○ ○ ○ Nada convencido(a)
- Muito gay ○ ○ ○ ○ ○ Nada gay
- Muito sotaque ○ ○ ○ ○ ○ Nenhum sotaque

Below the adjectives is the question "De onde você acha que essa pessoa é? Pode escolher mais de uma opção, se ficar na dúvida." with seven checkboxes: São Paulo, Rio de Janeiro, Recife, João Pessoa, Natal, Porto Alegre, and Outra cidade. At the bottom right, there is a question "A partir do que você ouviu, que outros adjetivos você usaria para descrever essa pessoa?" with a text input field and a pink submit button.

The mobile view (right) shows the same interface on a smartphone screen, with the University of York logo at the top and the audio player and adjectives below.

Fonte: Elaboração própria, 2022.

Para garantir a validade interna do experimento, as variantes foram cuidadosamente controladas e validadas por juízes especialistas; a ordem dos estímulos foi randomizada para cada participante; e todos os estímulos foram pré-testados com um grupo piloto (n=30) para verificar inteligibilidade e equilíbrio entre variantes.

³ A análise dos julgamentos sociais associados aos falantes será tratada em publicações futuras. Neste artigo, restringimo-nos à análise da identificação de

procedência geográfica com base na variável /S/ em coda.

Para verificar as proporções de identificação de cada cidade, cada uma delas foi considerada como uma variável com níveis "sim", quando escolhida pelo ouvinte para indicar a origem do falante, e "não", quando não escolhida. Dessa forma, pôde-se calcular as proporções de escolha voluntária para cada uma das cidades nos formulários de resposta e analisar essas distribuições de acordo com a pronúncia ouvida e a comunidade de fala à qual o ouvinte pertencia. Após uma primeira inspeção das respostas, a partir da técnica de modelos aninhados, investigou-se a relevância de modelos de regressão logística que levavam em consideração a interação entre a pronúncia escutada e a comunidade do ouvinte em comparação com modelos nulos (sem a presença dessas variáveis) para a escolha de cada uma das seis cidades, tendo como interceptos aleatórios os ouvintes e os estímulos⁴. Os testes de Anova que apresentassem resultados significativamente distintos ao comparar as estimativas de cada par de modelos indicariam quais deles seriam discutidos com profundidade. Esse dados foram analisados utilizando o pacote lme4 do software R.

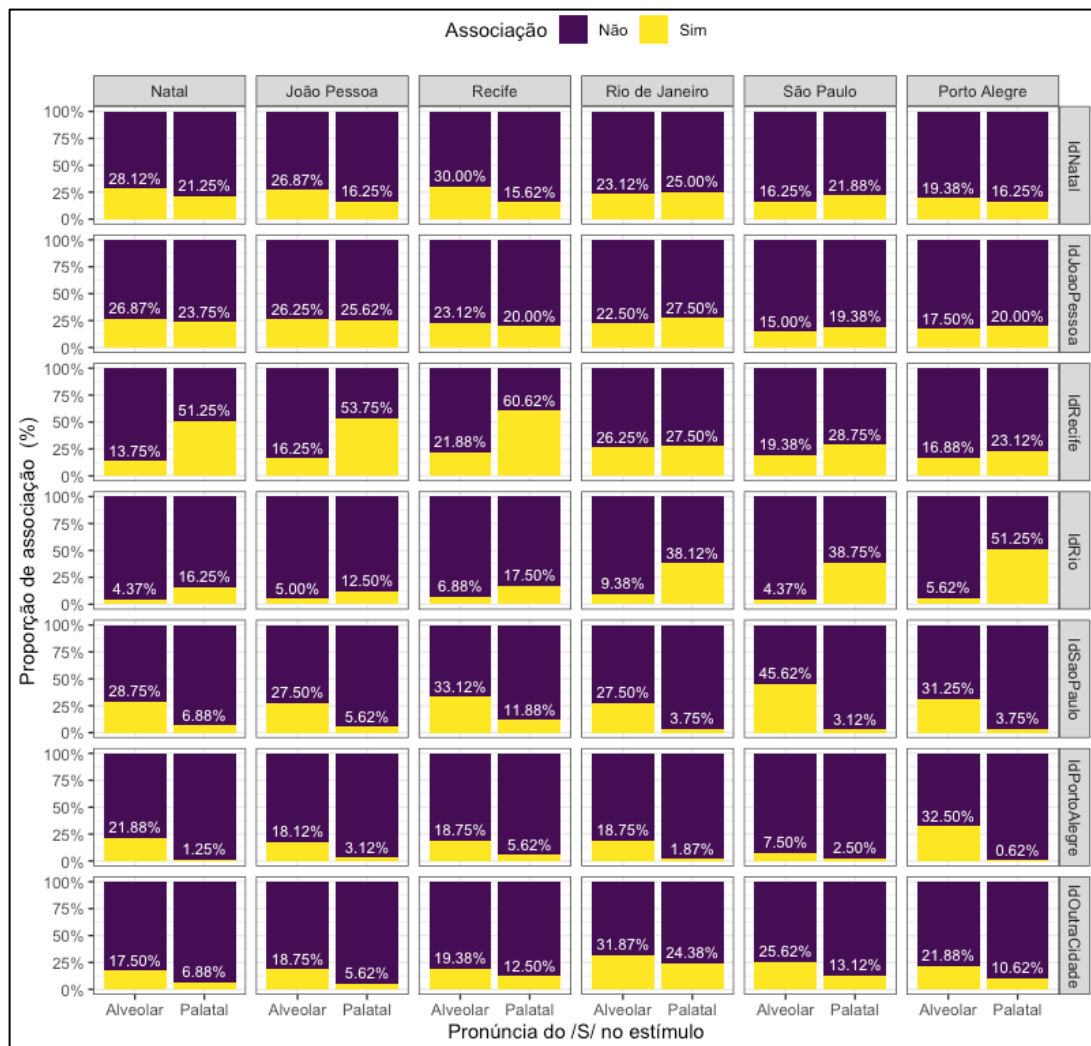
5 Resultados e discussão

Para analisar as proporções de identificação das cidades atribuídas pelos participantes, cada localidade foi tratada como uma variável dicotômica com os níveis "sim" (quando o ouvinte selecionava a cidade como origem do falante) e "não" (quando não a selecionava). A partir desse critério, foi possível estimar as proporções de escolha espontânea para cada cidade nos formulários e examinar essas distribuições em função da variante fonética ouvida e da cidade de origem dos ouvintes, conforme visualizado no Gráfico 40. No gráfico, o eixo horizontal corresponde à distribuição das escolhas por cidade atribuída ao falante (IdCidade), enquanto o eixo vertical representa a cidade dos ouvintes (Cidade). Cada participante pôde selecionar quantas cidades desejasse ou mesmo nenhuma. As proporções foram calculadas a partir do total de respostas relativas a cada conjunto de estímulos, segmentado por variante fonética (alveolar vs. palatoalveolar), totalizando N=160 para cada condição. Assim, por exemplo, na linha referente a “Natal”, têm-se as taxas de escolha dessa cidade como origem dos falantes em função das variantes percebidas e da cidade dos ouvintes.

⁴ Por exemplo, para testar se a escolha da cidade de Recife para designar a origem do falante escutado era afetada pela pronúncia do falante e pelo dialeto de origem do ouvinte, uma Anova compara um modelo com essas variáveis

(`glmer(IdRecife~Pronúncia*Cidade + (1|Ouvinte), data=AvCidade, family = "binomial")`) com um modelo sem a presença delas (`glmer(IdRecife ~ 1 + (1|Ouvinte), data=AvCidade, family = "binomial")`).

Gráfico 1 - Proporções de escolhas das cidades por pronúncia escutada e comunidade de fala do ouvinte



Fonte: Elaboração própria, 2022.

A análise inicial dos dados gráficos já permite observar tendências relevantes: as cidades de Natal e João Pessoa apresentam índices reduzidos de escolha como local de origem dos falantes, independentemente da variante ouvida ou da cidade de origem dos participantes. Por outro lado, Recife e Rio de Janeiro evidenciam comportamentos distintos: Recife é mais frequentemente selecionada por ouvintes de Natal, João Pessoa e da própria capital pernambucana quando escutam estímulos com fricativas palatoalveolares, enquanto o Rio de Janeiro é preferencialmente identificado por participantes do Sudeste e Sul — Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre — quando ouvem a mesma variante. A cidade de São Paulo foi mais frequentemente indicada como origem para falantes com pronúncia alveolar por todos os grupos de ouvintes, sendo que essa tendência foi mais acentuada entre os paulistanos, padrão também observado nas respostas envolvendo Porto Alegre.

Após essa inspeção preliminar, procedeu-se à modelagem estatística com o objetivo de verificar se a interação entre variante fonética percebida e cidade de origem do ouvinte poderia prever significativamente a escolha das cidades como local de origem dos falantes. Foram ajustados modelos mistos generalizados e suas performances comparadas a modelos

nulos por meio de testes de Anova. Os resultados⁵ indicam que, para as cidades de Natal ($\chi^2 = 26.018$, $p = 0.0064$), Recife ($\chi^2 = 205.94$, $p < 0.001$), Rio de Janeiro ($\chi^2 = 290.1$, $p < 0.0001$), São Paulo ($\chi^2 = 277.49$, $p < 0.001$) e Porto Alegre ($\chi^2 = 207.04$, $p < 0.001$), os modelos com interação foram significativamente melhores que os nulos. Já para João Pessoa, essa diferença não foi estatisticamente significativa ($\chi^2 = 12.801$, $p = 0.306$).

A partir da análise dos resultados dos modelos, observa-se que a cidade de Natal foi menos frequentemente selecionada por paulistanos (odds = 0.47, $p < 0.01$) quando comparados aos próprios natalenses (grupo de referência). No entanto, esse mesmo grupo de ouvintes de São Paulo apresentou uma probabilidade significativamente maior de associar estímulos com fricativas palatoalveolares a Natal (odds = 2.20, $p < 0.001$).

Com relação a Recife, os resultados indicam uma maior chance de sua seleção quando os falantes utilizavam a variante palatoalveolar (odds = 7.18, $p < 0.001$). Apesar disso, a chance de atribuir esse padrão aos falantes foi significativamente menor entre ouvintes do Rio de Janeiro (odds = 0.15), São Paulo (odds = 0.24) e Porto Alegre (odds = 0.21) quando comparados aos ouvintes natalenses.

Para o Rio de Janeiro, também foi verificada uma tendência de maior escolha com base na escuta de fricativas palatais (odds = 4.27, $p = 0.001$). Ainda, os ouvintes paulistanos (odds = 3.31, $p = 0.05$) e porto-alegrenses (odds = 4.26, $p = 0.006$) demonstraram maiores chances de identificar falantes com essa variante como oriundos do Rio, em comparação com os ouvintes de Natal.

Em relação à cidade de São Paulo, as fricativas palatoalveolares reduziram significativamente a chance de associação (odds = 0.17, $p < 0.001$). Por outro lado, a pronúncia alveolar favoreceu essa associação entre ouvintes paulistanos (odds = 2.25, $p = 0.006$). A interação negativa entre essa comunidade e a variante palatoalveolar reforça o distanciamento perceptual dessa forma em relação ao dialeto paulista (odds = 0.18, $p = 0.006$).

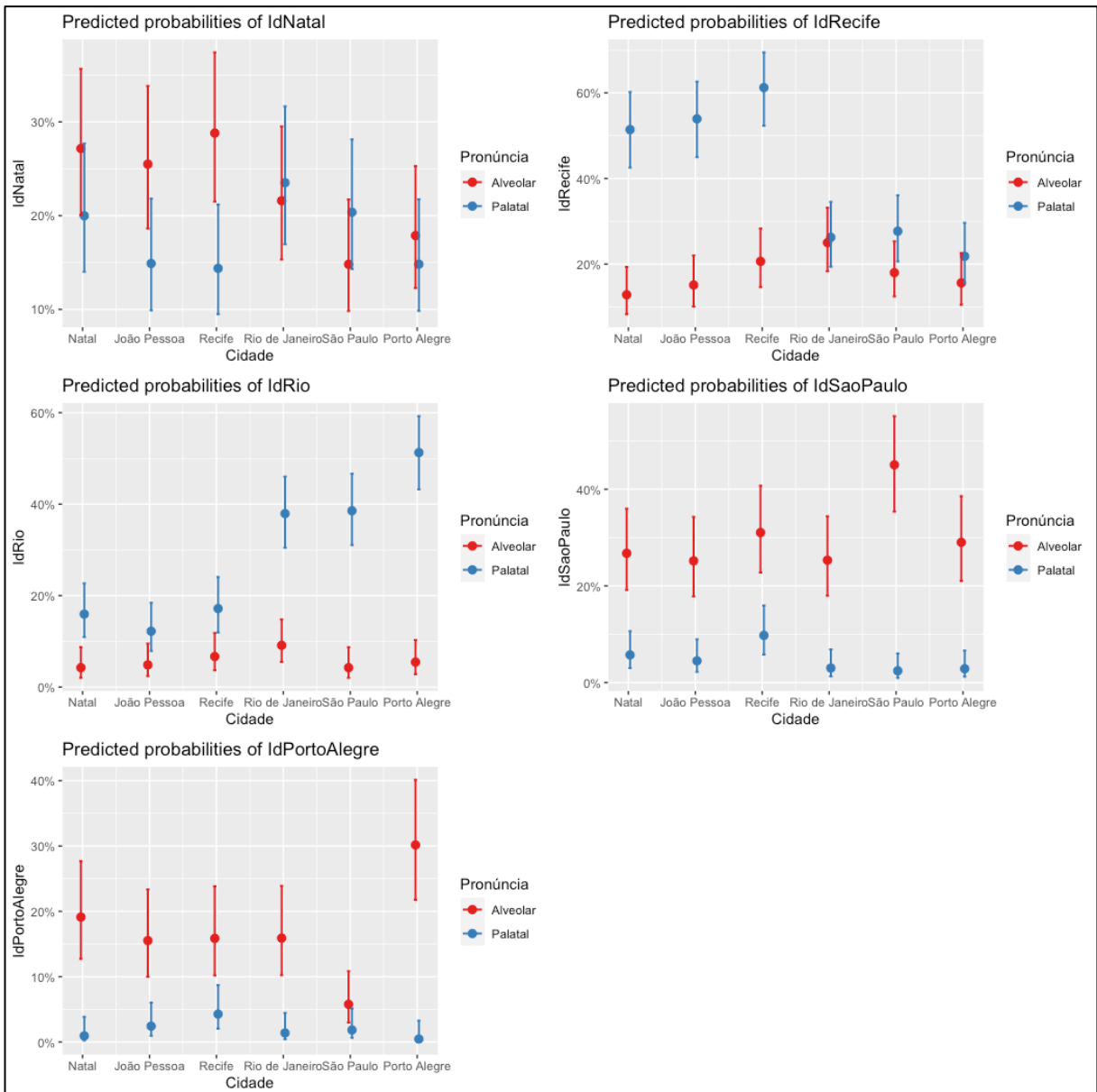
Quanto à cidade de Porto Alegre, houve menor probabilidade de escolha geral quando os estímulos apresentavam fricativas palatalizadas (odds = 0.04, $p < 0.001$). Ainda, os ouvintes de São Paulo mostraram menor probabilidade de associar a cidade a fricativas alveolares (odds = 0.026, $p = 0.001$), mas essa probabilidade aumentou quando os estímulos palatoalveolares foram ouvidos por recifenses (odds = 5.90, $p = 0.036$) e paulistanos (odds = 7.61, $p = 0.033$), comparativamente ao grupo de referência.

Os testes estatísticos confirmam que a escolha da cidade de origem dos falantes pelos ouvintes foi significativamente influenciada pela interação entre a pronúncia ouvida (alveolar ou palatoalveolar) e a cidade de origem dos ouvintes, em quase todos os casos analisados. Isso significa que determinados padrões de associação entre variantes fonéticas e cidades não ocorreram por acaso, mas refletem tendências sistemáticas de reconhecimento interdialeto. Por exemplo, fricativas palatoalveolares aumentaram significativamente a chance de identificação com cidades como Recife e Rio de Janeiro, enquanto as alveolares favoreceram a associação com São Paulo e Porto Alegre. Esses efeitos variaram conforme a origem dos ouvintes, sugerindo que tanto a familiaridade com os falares locais quanto a força dos estereótipos linguísticos regionais influenciam diretamente a atribuição de procedência geográfica.

⁵ Os testes estatísticos utilizados permitem verificar se há diferenças significativas nas escolhas dos ouvintes conforme a variante fonética ou a sua cidade de origem. O valor de χ^2 indica o ajuste do modelo, o p-valor mostra se o resultado é estatisticamente significativo ($p < 0.05$ indica uma

diferença relevante), e o “odds” expressa a chance de uma cidade ser escolhida em comparação com um grupo de referência: valores maiores que 1 indicam maior probabilidade; menores que 1, menor probabilidade.

Figura 3 - Gráficos de valores preditos pelos modelos de regressão logística utilizados para estimar a probabilidade de escolhas para a origem dos falantes considerando a pronúncia escutada e a comunidade de fala dos ouvintes



Fonte: Elaboração própria, 2022.

Os gráficos de valores previstos pelos modelos revelam tendências adicionais. As probabilidades estimadas para a cidade de Natal, embora estatisticamente significativas, mantêm-se relativamente baixas, especialmente entre ouvintes não nordestinos. A cidade de Recife, por sua vez, é preferida por ouvintes de Natal, João Pessoa e Recife quando se ouvem variantes palatais, com estimativas ao redor de 60%. Um padrão inverso é observado para o Rio de Janeiro: ouvintes do Sul e Sudeste (notadamente Porto Alegre) são mais propensos a associar fricativas palatalizadas ao dialeto carioca.

Já para São Paulo e Porto Alegre, verifica-se que as variantes alveolares aumentam significativamente a probabilidade de escolha dessas cidades como origem dos falantes. Esse efeito é particularmente acentuado entre os próprios falantes locais, indicando uma espécie de

reconhecimento intrarregional: paulistanos associam alveolares a São Paulo, e porto-alegrenses à sua própria cidade.

Esses achados sugerem que as fricativas palatoalveolares funcionam como índices sociais consistentes para a identificação dos falares de Recife (entre nordestinos) e do Rio de Janeiro (entre sudestinos e sulistas), reforçando padrões de estereotípi regional e saliência perceptiva — fatores potencialmente amplificados por representações midiáticas e relações socioculturais entre regiões. Esses resultados corroboram a literatura sobre percepção dialetal, que aponta maior acurácia para variedades próximas ou com forte carga simbólica (Preston, 1986, 1989; Williams; Garrett; Coupland, 1999).

6 Considerações finais

A análise dos resultados do experimento de percepção revelou que a cidade de Recife foi a mais frequentemente selecionada como origem dos falantes com pronúncias palatoalveolares por participantes das capitais nordestinas (Natal, João Pessoa e Recife). De modo análogo, o Rio de Janeiro foi majoritariamente associado à mesma variante por ouvintes das regiões Sudeste e Sul (Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre). Por outro lado, a variante alveolar do /S/ foi mais frequentemente relacionada às cidades de São Paulo e Porto Alegre, sobretudo por ouvintes dessas próprias localidades. Esses achados estão em consonância com o princípio da *proximidade perceptual* (Preston, 1989; Williams; Garrett; Coupland, 1999; Montgomery, 2012), segundo o qual os falantes identificam com maior precisão as variantes regionais com as quais mantêm maior familiaridade geográfica ou cultural.

A partir desses dados, é possível observar que variantes do /S/ em coda parece operar como um índice sociolinguístico relevante para a categorização regional no português brasileiro. A distribuição da avaliação perceptual dessas variantes sugere que elas funcionam como estereótipos interpretáveis de origem geográfica, resultado que corrobora outros estudos de avaliação e percepção acima do nível da consciência. Conforme discutido por Eckert (2008) e Johnstone e Kiesling (2008), traços segmentais podem adquirir valor indexical e integrar sistemas de reconhecimento social, conforme se associam a representações locais consolidadas. Neste estudo, as fricativas palatoalveolares e alveolares parecem cumprir esse papel, articulando-se com representações de falares "típicos" de determinadas regiões, reconhecidas de forma mais robusta por falantes-ouvintes de regiões mais próximas. Em estudos futuros, seria interessante que todas as capitais do país fossem apresentadas como possibilidade de escolha para a origem do falante, o que poderia fornecer evidências mais fortes na direção apontada pelos resultados aqui discutidos.

Referências

- BASSI, A. **A palatalização da fricativa em coda silábica no falar florianopolitano e carioca**: uma abordagem fonológica e geolinguística. 2011. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011.
- BASSI, A. **A realização da fricativa alveolar em coda silábica no português brasileiro e no português europeu** – abordagem geolinguística. 2016. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016.
- BASSI, A.; Seara, I. C. A produção das fricativas alveolar, ápico-alveolar e palato-alveolar em coda silábica no PB e no PE. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 52, n. 1, p. 77–86, 2017.

- BIASIBETTI, A. P. C. S. **Produção e percepção das fricativas simbilantes em Porto Alegre/RS e Florianópolis/SC**. 2018. Tese (Doutorado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.
- BRESCANCINI, C. R. A aspiração da fricativa em posição de coda no dialeto florianopolitano – variação e teoria. **Organon**, Porto Alegre, v. 18, n. 36, p. 101–116, 2003.
- CALLOU, D.; MARQUES, M. H. D. Os implosivo na pronúncia do Rio de Janeiro. **Littera**, Rio de Janeiro, v. 5, p. 9–137, 1975.
- CALLOU, D.; MORAES, J. A. Para uma nova dialectologia: a realização do /S/ e do /R/ pós-vocálicos no português do Brasil. In: DUARTE, I. L. (Org.). **Anais do Congresso Internacional sobre o Português**. Lisboa: Colibri, 1996.
- CALLOU, D.; MORAES, J. A.; LEITE, Y. Processo(s) de enfraquecimento consonantal no falar português do Brasil. In: ABAURRE, M. B. M.; RODRIGUES, A. C. S. (Orgs.). **Gramática do Português Falado**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2002. v. 8, p. 537–556.
- CAMPBELL-KIBLER, K. The sociolinguistic variant as a carrier of social meaning. **Language Variation and Change**, Cambridge, v. 22, n. 3, p. 423–441, 2010.
- CARDOSO, S. A. M. S. et al. **Atlas Linguístico do Brasil**. Londrina: Eduel, v. 1, 2014.
- CUNHA, C. M.; Silva, P. S. M. A palatalização do /S/ em coda em registro de fala natalense. In: HORA, D. DA et al. (Orgs.). **Estudos linguísticos (teorias e aplicações): Contribuições da Associação de Linguística e Filologia da América Latina – AFAL**. São Paulo: Terracota Editora, 2019. p. 45–62.
- ECKERT, P. Variation and the indexical field. **Journal of Sociolinguistics**, Oxford, v. 12, p. 453–476, 2008.
- FREEMAN, V.; DECKER, P. Remote sociophonetic data collection: Vowels and nasalization over video conferencing apps. **The Journal of the Acoustical Society of America**, New York, v. 149, n. 2, p. 1044, 2021.
- HENRIQUE, P. F. L. **A percepção da fricativa coronal em coda medial por falantes pessoenses**. 2016. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2016.
- HENRIQUE, P. F. L.; AMORIM, A. W. D. DE; HORA, D. O papel do estilo no uso do /S/ pós-vocálico em uma amostra de recontato. **Cadernos de Linguística**, Florianópolis, v. 3, n. 1, 2022.
- HORA, D. Fricativas coronais: análise variacionista. In: Roncarati, C.; Abraçado, J. (Orgs.). **Português brasileiro: contato linguístico, heterogeneidade e história**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2003. p. 69–89.
- HORA, D.; pedrosa, J. L. R. Comportamento variável da fricativa coronal pós-vocálica. In: RIBEIRO, S. S. C.; COSTA, S. B. B.; CARDOSO, S. A. M. **Dos sons às palavras**. Salvador: EDUFBA, 2009. p. 111–128.
- JESUS, C. S. DE; MOTA, J. A. Conservadorismo e mudança: o /S/ em coda silábica no nordeste, a partir dos inquéritos do projeto Atlas Linguístico do Brasil. In: AGUILERA, V. A.; ISQUERDO, A. N. (Orgs.). **Atlas Linguístico do Brasil: descrevendo a língua, formando jovens pesquisadores**. Londrina: Ed. Eletrônica, 2009b. p. 31–34.
- JOHNSTONE, B.; KIESLING, S. F. Indexicality and experience: Sociolinguistic variation in PITTSBURGH. **Journal of Sociolinguistics**, Oxford, v. 12, n. 1, p. 5–33, 2008.

- LAMBERT, W. E. et al. Evaluational reactions to spoken languages. **Journal of Abnormal and Social Psychology**, Washington, DC, v. 60, n. 1, p. 44–51, 1960.
- LOPES, L. W. **Preferências e atitudes dos ouvintes em relação à variação linguística regional no telejornalismo**. 2012. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2012.
- MACEDO, S. S. **A palatalização do /s/ em coda silábica no falar culto recifense**. 2004. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2004.
- MELO, M. A. S. L. **Desenvolvendo novos padrões na comunidade de fala: um estudo sobre a fricativa em coda na comunidade de fala do Rio de Janeiro**. 2012. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.
- MENDES, R. B. Diphthongized (en) and the indexation of femininity and Paulistinity. **Cadernos de Estudos Lingüísticos**, Campinas, v. 58, n. 3, 2016.
- MENDONÇA, J. de J.; Borges, C. K. V. Percepção da palatalização do /S/ em coda: atitudes linguísticas de universitários. **Revista Tabuleiro de Letras, Ilhéus**, v. 12, n. 3, p. 114–127, 2018.
- MONTGOMERY, C. Perceptions of dialects: Changing attitudes and ideologies. **The Oxford Handbook of the History of English**, Oxford, p. 457–469, 2012.
- OUSHIRO, L. **Identidade na pluralidade: avaliação, produção e percepção linguística na cidade de São Paulo**. 2015. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.
- OUSHIRO, L. Conceitos de identidade e métodos para seu estudo na Sociolinguística. **Estudos Linguísticos e Literários**, São Paulo, v. 63, n. 63, p. 304–325, 2019.
- PEDROSA, J. L. R. **Análise do /S/ pós-vocálico no português brasileiro: coda ou onset com núcleo foneticamente vazio?** 2009. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2009.
- PESSOA, M. A. O s pós-vocálico na fala de Natal. In: **Anais do I Simpósio sobre a Diversidade Linguística no Brasil**. Salvador: [s.n.], 1986.
- PRESTON, D. R. Mental maps of language distribution in Rio Grande do Sul (Brazil). **The Geographical Bulletin**, [S.l.], v. 27, p. 46–67, 1985.
- PRESTON, D. R. Where the worst English is spoken. In: SCHNEIDER, E. (Org.). **Focus on the USA**. Amsterdam: John Benjamins, 1996. p. 297–360.
- PRESTON, D. R. **Handbook of Perceptual Dialectology**. Amsterdam: John Benjamins, 1999.
- REIS, I. Retraction in Cariocan Portuguese. **Kansas Working Papers in Linguistics**, Kansas, v. 17, n. 1, p. 25–53, 1992.
- RIBEIRO, S. R. **Apagamento da sibilante final em lexemas: uma análise variacionista do falar pessoense**. 2006. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2006.
- ROCHA, W. J. C.; PACHECO, V. Entre sibilos e chiados do /S/ em coda silábica: um estudo sociofonético de percepção dialetal na Bahia. **Organon**, Porto Alegre, v. 37, n. 73, p. 80–101, 2022.
- SCHERRE, M. M. P.; Macedo, A. V. T. Variação e mudança: o caso da pronúncia do s pós-vocálico. In: MOLLICA, M. C.; MARTELOTTA, M. E. (Orgs.). **Análises linguísticas: a contribuição de Alzira Macedo**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2000. p. 52–78.

SORIANO, L. G. M. **Percepções sociofonéticas do (-R) em São Paulo**. 2016. Dissertação (Mestrado em Semiótica e Linguística Geral) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

WILLIAMS, A.; GARRETT, P.; COUPLAND, N. Dialect recognition. In: Preston, D. R. (Org.). **Handbook of perceptual dialectology**. Amsterdam: John Benjamins, 1999. p. 345–358.